

Uso de verbos com valor epistêmico no Trabalho da Face por falantes alemães e brasileiros

Selma M. Meireles¹

Titel: Gebrauch von Verben mit epistemischem Wert in Face-Work bei Deutschen und Brazilianern

Title: Use of verbs with epistemic value in Face-Work by Brazilian and German Speakers.

Palavras-chave: Trabalho da Face – marcadores discursivos – estilo conversacional – alemão – português do Brasil

Schlüsselwörter: Face-work – Diskursmarker – Konversationsstil – Deutsch – Brasilianisches Portugiesisch

Key-words: Face-Work – Discourse markers – conversational style – German language – Brazilian Portuguese

Introdução

A expressão linguística de membros de grupos sociais é carregada de convenções socioculturais, reconhecidas inconscientemente como sinais de identidade ou alteridade, e o ‘estilo conversacional’ (resumidamente: o conjunto de características próprias de ‘como dizer alguma coisa’) pode ser reconhecido como típico para um indivíduo, um grupo ou toda uma sociedade. Frente a discrepâncias, tais padrões podem originar juízos de valores, estereótipos ou preconceitos. Isso parece acontecer com frequência nas interações entre alemães e membros de outras culturas, como a brasileira ou a

¹ Professora Livre-docente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da FFLCH / USP-SP. E-mail: selmamm@usp.br

Meireles, S – Uso de verbos com valor epistêmico

americana, sendo os alemães comumente qualificados como ‘rudes’, ‘frios’ e ‘objetivos’. Por vezes, mesmo a diferente utilização de determinados itens lexicais pode levar a mal-entendidos na comunicação entre indivíduos de culturas diversas.

Em um estudo anterior não publicado (MEIRELES 2001), constatei importante disparidade na frequência de uso, entre falantes brasileiros e alemães, de expressões de opinião pessoal tais como: *eu acho*, *ich glaube*, que dão ao interlocutor maior liberdade para discordância e negociação, o que pode contribuir para avaliações negativas dos alemães por parte de falantes brasileiros. Esta comunicação apresenta os resultados de uma investigação da ocorrência de tais itens em diálogos nas duas línguas e sua relação com o Trabalho da Face nas respectivas interações.

Verbos com valor epistêmico e estilo conversacional

Os verbos como *denken*, *glauben*, *meinen*, *finden*, *hoffen* etc. em alemão, e *pensar*, *crer*, *acreditar*, *achar* etc. em português, recebem frequentemente a denominação de **verbos epistêmicos** e, quando utilizados na primeira pessoa, expressam opiniões, posicionamento e comentários do falante com referência às proposições que introduzem. Na comunicação, apresentam-se como elementos estereotipados, o que lhes confere um caráter de marcadores discursivos, sendo também denominados **qualificadores epistêmicos** ou **de opinião** (cf. JAHNEL 1998: 67). Para Gräbel (1991), esses verbos permitem uma manipulação do grau de adesão ao enunciado em termos de atenuação ou reforço: em alemão, o verbo *meinen* representaria o maior grau de definição e convicção; *glauben* teria um grau menor de definição e seria a expressão de uma convicção pessoal, enquanto *denken*, com o menor grau de definição, colocaria a própria opinião em discussão.

Os verbos correspondentes em português também apresentam características semelhantes, sendo incluídos por Galembek na categoria de **marcadores conversacionais de manifestação de opinião** (1997 apud BURGO et al. 2013: 299). Com eles, o interlocutor sinaliza que assume explicitamente as opiniões ou conceitos emitidos, no caso de formas como *creio que*, *acredito que*, *tenho certeza (de) que*, ou ainda expressa falta de certeza ou de convicção, com formas como *eu acho que*, *na*

Meireles, S – Uso de verbos com valor epistêmico

minha opinião. No entanto, Rosa (1992: 47) ressalta que tais formas podem indicar os limites da interpretação que se espera do interlocutor, com base no princípio de preservação das faces.

O conceito de Face de Goffman (1994) refere-se à autoimagem que os participantes de uma interação constroem e mantêm durante a mesma, sendo o conjunto de estratégias (linguísticas ou não) utilizadas para esse fim denominado *Face-work*, ou Trabalho da Face, em português. Em uma investigação realizada na Alemanha a partir de um corpus de discussões televisivas entre falantes nativos e não-nativos do alemão, Jahnel (1998) assinala que, entre outros expedientes, o uso dos verbos aqui tematizados evidencia um comportamento mais ‘agressivo’ por parte dos alemães, que apresentam o próprio conhecimento como o de *experts* e ocultam sua ignorância e incerteza. Por outro lado, os falantes não-nativos utilizam técnicas exatamente para marcar ignorância, desconhecimento ou incerteza. Para a autora, há uma certa “assimetria de poder” entre os dois grupos, a qual atribui à falta de domínio das regras, convenções e estratégias retórico-estilísticas por parte dos falantes não-nativos (JAHNEL 1998: 75), ou seja, do estilo conversacional esperado para esse tipo de interação na Alemanha.

Assim, nesta comunicação pretende-se investigar o uso de tais formas verbais com relação ao Trabalho da Face em um estudo de caso a partir de diálogos entre falantes nativos alemães e brasileiros. Optou-se por cunhar a expressão ‘verbos com valor epistêmico’, pois as formas investigadas nesta comunicação extrapolam os limites do grupo de verbos ‘epistêmicos’ tradicionais, embora sem incluir marcadores de manifestação de opinião tais como *certamente* ou *com certeza*. O estudo parte das transcrições de dois diálogos, um em alemão (do corpus *Gesprochenes Deutsch* do Institut für Deutsche Sprache de Mannheim - <http://agd.ids-mannheim.de/index.shtml>) e outro em português do Brasil (PRETI/CASTILHO 1987, ambos exemplos de conversação eliciada não institucional e de fala informal. Cada diálogo apresenta três participantes, sendo dois rapazes e uma moça, estudantes universitários de faixa etária similar. O diálogo em alemão tem por tema o casamento e apresenta-se como uma discussão fortemente polarizada entre os sexos; o diálogo brasileiro tem os transportes como tema e transcorre de forma bastante harmoniosa.

Resultados da pesquisa

O levantamento da ocorrência de verbos com valor epistêmico no corpus apresentou os seguintes resultados:

Alemão		Português	
Forma	%	Forma	%
ich meine	70	(eu) acho	84
ich glaube	19	me parece	8
ich finde	9	eu vejo	5
ich nehme an	2	acredito	3

Tanto em alemão como português são usados quatro verbos de valor epistêmico, sendo que em cada diálogo uma forma predomina completamente sobre as demais: *ich meine* em alemão (70% das ocorrências) e *(eu) acho* em português (84%). Nota-se também o uso de formas que não pertencem ao grupo dos verbos tradicionalmente listados como epistêmicos, como *ich nehme an* em alemão e *me parece* e *eu vejo* em português. A seguir, os resultados são discutidos separadamente para cada língua.

No alemão, nota-se maior variedade por parte da falante (denominada S2), que utiliza as formas *ich meine* (56%), *ich glaube* (28%) e *ich finde* (16%), enquanto o falante S3 utilizou apenas as formas *ich meine* (90%) e *ich nehme an* (10%) e o falante S1 apenas a forma *ich glaube*. É importante destacar o grande predomínio da forma *ich meine* para os participantes S2 e S3, e o fato de que o falante S1, que não a utiliza, não é um falante nativo do alemão (como se pode depreender de seu sotaque no áudio do diálogo). A opção por *ich meine* mostra a ampla opção pelo maior grau de convicção e certeza, corroborando os resultados de Jahnel (1998). No diálogo, tal forma é utilizada em duas situações: 1) em situações de **conflito**, introduzindo um detalhamento da

Meireles, S – Uso de verbos com valor epistêmico

posição do falante, contrária à do interlocutor, após uma objeção deste último; 2) em situações de **desvantagem** (real ou potencial) do falante, quando introduz uma **concessão**, seguida normalmente de *aber...* Tal uso tem como efeito uma atribuição do desacordo a uma compreensão equivocada ou incompleta por parte do interlocutor, constituindo-se em uma estratégia de ocultação das próprias ‘falhas’ na argumentação, novamente compatível com os resultados de Jahnel (1998).

A forma *ich glaube* também é utilizada em duas situações: 1) na apresentação de uma convicção pessoal como argumento e 2) como prefácio para introdução de uma opinião. Nota-se que este segundo caso frequentemente ocorre em redirecionamentos da interação, e também que é o único uso por parte do falante estrangeiro (S1). *Ich finde* é utilizado apenas pela falante (S2), frequentemente na apresentação de exemplos. Seu uso parece ser similar ao de *ich glaube*, porém acrescentando-se uma nuance de avaliação pessoal ou valorização emocional. A forma *ich nehme an* é utilizada apenas uma vez pelo falante S3, em uma fraca adesão a uma sugestão da interlocutora, e parece ser uma estratégia utilizada para não se comprometer, caso a sugestão não fosse bem recebida pelo terceiro participante da interação.

No diálogo em português, o documentador participa apenas esparsamente da interação, e não chega a utilizar qualquer verbo de valor epistêmico. Aqui, o falante denominado L1 apresenta maior variedade de tais formas, utilizando (*eu*) *acho* (76,5%), *acredito* (5,9%) e *me parece* (17,6%), enquanto a falante (L2) utiliza apenas as formas (*eu*) *acho* (90%) e *eu vejo* (90%). Novamente, há grande predomínio de uma forma, no caso (*eu*) *acho*, que se apresenta como um *default* polivalente, sendo utilizado como **prefácio de convicção pessoal**, **prefácio de avaliação** e como **marcação de posição pessoal**, especialmente em situações de desacordo. A forma *eu vejo* também é utilizada em desacordos e com a mesma função de marcar a opinião pessoal pela falante L2. A forma *acredito*, que é descrita por Galembeck & Carvalho (1997) como marcador de uma opinião assumida explicitamente, é usada no diálogo para assinalar **suposição e falta de certeza**, alinhando-se mais ao significado apontado pelo dicionário Houaiss, enquanto a forma *me parece*, que não é contemplada nos estudos sobre o tema, é usada para marcar **avaliação pessoal** e um certo **distanciamento** da opinião emitida.

Considerações finais

Com relação às formas aqui estudadas, nota-se no diálogo entre os alemães uma grande diferença entre os sexos, com maior uso por parte da falante, tanto em termos de quantidade como de variedade. Para ambos os sexos vale, porém, que tais formas em alemão parecem ser utilizadas principalmente para estruturar a argumentação, modalizar argumentos próprios ou do interlocutor e, principalmente, para proteger a própria Face, sendo a forma mais frequente, *ich meine*, usada pelo falante como reação a desacordos ou como defesa perante posições desvantajosas. O uso desta e das demais formas deixa, portanto, **entrever** o *footing* da interação – nos termos de Goffman, (1981) a ‘base’ sobre a qual se constrói a interação –, que se apresenta como uma busca por uma ‘verdade’ única, ou seja, uma solução final considerada a mais adequada a partir de uma argumentação onde se opõem opiniões conflitantes.

No diálogo entre os brasileiros, nota-se pouca diferença entre os sexos na frequência de uso de tais elementos, que são utilizados principalmente para prefaciar, mas também para modalizar ou até mesmo solicitar opiniões, sendo que a forma mais frequente (*eu acho*) pode assumir todas as funções identificadas. Neste estudo específico, os verbos com valor epistêmico em português não mostraram um uso específico para Trabalho da Face, exceto em situações de desacordo, que é sinalizado exatamente pela marcação de posições divergentes: cada falante mantém-se fiel à sua opinião, marcando o fato através dos verbos em questão, e a situação perdura até que se redirecione a interação. Dessa forma, em português os verbos com valor epistêmico **estabelecem** o ‘footing’ da interação: não há busca por uma solução única, pressupondo-se, desde o início, a coexistência de opiniões variadas, o que talvez produza a impressão de uma interação mais harmoniosa por parte dos falantes brasileiros, quando comparada àquela entre falantes alemães.

Referências bibliográficas

BURGO, Vanessa H.; STORTO, Letícia J.; GALEMBECK, Paulo de Tarso. O caráter multifuncional dos marcadores conversacionais de opinião “Eu acho que” e “I

Meireles, S – Uso de verbos com valor epistêmico

- think” na fala dos presidentes Lula e Obama. In: *Domínios de Lingu@agem*. Vol. 7, n. 2, jul./dez. 2013, 289-312.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso; Carvalho, Kelly Alessandra. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC). In: *Revista Intercâmbio*. Vol. VI, 1997, 831-850.
- GOFFMAN, Erving; HYMES, Dell. *Forms of Talk (Conduct and Communication)*. University of Pennsylvania Press, 1981.
- GOFFMAN, Erving. *Interaktionsrituale: Über Verhalten in direkter Kommunikation*. Berlin: Suhrkamp, 1994.
- GRÄSSEL, Ulrike. *Sprachverhalten und Geschlecht. Eine empirische Studie zu geschlechtsspezifischem Sprachverhalten in Fernsehdiskussionen*. Pfaffenweiler: Centaurus, 1991.
- HOUAISS. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa (CD-ROM)*. 2002.
- JAHNEL, Andrea. Lerner- und muttersprachlicher Gebrauch von *Verba sentiendi* und *sciendi* in Fernsehdiskussionen. In: *Beiträge zum Fremdsprachenvermittlung* 33, 1998, 65-75
- MEIRELES, Selma M. Um estilo feminino de Trabalho da Face? Palestra não publicada. *IX Semana da Língua Alemã*. São Paulo, FFLCH/USP, 2001.
- PRETI, Dino; CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *A Linguagem Culta Falada na Cidade de São Paulo. Vol. II – Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T.A.Queiroz, 1987)
- ROSA, Margareth de Miranda. *Marcadores de Atenuação*. São Paulo, Contexto, 1992.